

Reflexões Éticas Sobre as Tecnologias Reprodutivas

Ethical Reflections on Reproductive Technologies

Reflexiones éticas sobre las tecnologías reproductivas

Carla Henrique Gomes¹

Daniela Scheinkman Chatelard²

Resumo: As Tecnologias Reprodutivas levantaram uma série de questões concernentes ao lugar social da mulher e da instituição familiar. Em uma cultura marcada por dinâmicas narcísicas, apoiadas pelas mídias, e atravessada pelo que Lacan chamou de discurso capitalista – que apresenta o consumo como alternativa na busca da completude – as tecnologias reprodutivas apresentam tanto um potencial subversivo de emancipação feminina e de reestruturação da família em bases mais alteritária, como um poderoso instrumento de conformação dos corpos femininos às expectativas sociais impostas às mulheres, principalmente pela mídia. Nesse sentido, observa-se uma invasão da ciência, apoiada pelo dispositivo pedagógico midiático, não só na normalização e normatização da família, mas em sua própria formação. O presente estudo busca chamar a atenção para a complexidade do assunto, que envolve também aspectos éticos, culturais e questões de gênero. Conclui-se que as Novas Técnicas de Reprodução Humana podem vir a servir ao discurso capitalista e à cultura narcísica. Por outro lado, abre espaço para a possibilidade de um giro no sentido que se atribui culturalmente à infertilidade e à família. Nesse ponto, a ciência introduz, através de suas tecnologias, a fagulha de uma revolução no sentido que Lacan trata em seu seminário “Mais, Ainda”. A comunicação cumpre um papel fundamental nesse contexto, criando categorias universais e totalizantes para definição do ser mulher. Os dispositivos midiáticos fomentam desejos e reforçam uma lógica de consumo marcada pela busca desenfreada de sensações.

Palavras-chave: Ética. Psicanálise. Tecnologias Reprodutivas.

Abstract: Reproductive Technologies have raised a set of questions concerning the social place of women and the family institution. In a culture marked by narcissistic dynamics and crossed by what Lacan called a capitalist discourse - which presents consumption as an alternative in the pursuit of completeness - reproductive technologies presents both a subversive potential for female emancipation and a restructuring of the family on a more altered basis, a powerful instrument of conformation of the female bodies to the social expectations imposed on women. In this sense, an invasion of science, supported by the pedagogical device of media, is observed not only in the normalization and normalization of the family, but in its own formation. The present study seeks to draw attention to the

1 Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade de Brasília

2 Professora Doutora do programa de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília

complexity of the subject, which also involves ethical, cultural and gender issues. It is concluded that the New Techniques of Human Reproduction may serve the capitalist discourse and the narcissistic culture, but also opens space for the possibility of a turning in the sense that is attributed culturally to the infertility and the family. At this point, science introduces, through its technologies, the spark of a revolution in the sense that Lacan deals with in his Seminar "More, Still". Communications plays a fundamental role in this context, creating desires and reinforcing a logic of consuming that is defined by the unbridled search for sensations.

Keywords: Ethics. Psychoanalysis. Reproductive Technologies.

Resumen: Las Tecnologías Reproductivas plantearon una serie de cuestiones concernientes al lugar social de la mujer y de la institución familiar. En una cultura marcada por dinámicas narcísicas y atravesada por lo que Lacan llamó de discurso capitalista -que presenta el consumo como alternativa en la búsqueda de la completitud - las tecnologías reproductivas presentan tanto un potencial subversivo de emancipación femenina y de reestructuración de la familia en bases más alteritarias, como un poderoso instrumento de conformación de los cuerpos femeninos a las expectativas sociales impuestas a las mujeres. En ese sentido, se observa una invasión de la ciencia no sólo en la normalización y normalización de la familia, sino en su propia formación. El presente estudio busca llamar la atención sobre la complejidad del asunto, que involucra también aspectos éticos, culturales y cuestiones de género. Se concluye que las Nuevas Técnicas de Reproducción Humana pueden servir al discurso capitalista ya la cultura narcisista, pero abre espacio también para la posibilidad de un giro en el sentido que se atribuye culturalmente a la infertilidad ya la familia. En ese punto, la ciencia introduce, a través de sus tecnologías, la chispa de una revolución en el sentido que Lacan trata en su seminario "Más, Todavía". La comunicación cumple un papel fundamental, em esse contexto, creando deseos y reforzando una logica de consumi marcada por la búsqueda desenfreada de sensaciones.

Palabras clave: Ética. Psicoanálisis. Tecnologías Reproductivas.

INTRODUÇÃO

As Tecnologias Reprodutivas têm levantado uma série de questões nos âmbitos acadêmico e feminista: as mulheres que a buscam o fazem em função de um real desejo de serem mães ou trata-se de mais uma forma de conformação do corpo feminino às normas de uma sociedade patriarcal? No mesmo sentido: seriam essas técnicas um meio de emancipação feminina e empoderamento do próprio corpo ou, ao contrário, uma forma de dominação? Quais as consequências psíquicas da dessexualização da parentalidade? Como regulamentar quem teria acesso a tais tecnologias? Não se trataria de uma mercantilização da família e de uma elitização do direito reprodutivo? O questionamento sobre o posicionamento da ciência

diante da hegemonia da lógica do discurso do capitalista³, contudo, possui primazia, pois refletir sobre o papel das Tecnologias Reprodutivas - e da ciência em geral - frente a tal questão produz mudança ética que tem efeito sobre a resposta a todas as demais questões.

A ética da psicanálise, na contramão da dinâmica narcísica, se fundamenta na falta e convoca o sujeito a se responsabilizar pelo objeto causa de seu desejo, o objeto *a*, que está irremediável e definitivamente perdido. Nesse sentido, a demanda pelas Tecnologias Reprodutivas pode configurar, em função dos significados que a ela são atribuídos, uma fuga narcísica diante do veto do corpo e uma negação da falta. De acordo com Lanius e Souza (2010, p. 64), “a reprodução assistida, outrora chamada artificial, não é senão, mais um instrumento a serviço da pulsão humana, tencionando energia capaz de abrir caminho para a vida ou fechá-la para a morte”. Dessa maneira, é importante questionar o valor social da concepção do corpo feminino como uma máquina reprodutora e do papel da medicina que, por meio dessas técnicas, busca suprimir as falhas biológicas e garantir, dessa maneira, que o suposto destino da mulher de gestar e maternar se cumpra.

Ao atender ao chamado psicanalítico, o sujeito não escapa de assumir a responsabilidade, também, pelo funcionamento social. Coerente com a ética por ela proposta, a psicanálise chama para si o dever de refletir sobre os sintomas da cultura, reconhecendo-os não apenas como pertinentes, mas constitutivos dos próprios sintomas do sujeito e de sua angústia. A normalização e a normatização da parentalidade tocam diretamente nas questões de gênero - prova disso são os constantes relatos, em pesquisas empíricas, nos quais os sujeitos afirmam se sentir “menos mulheres” ou “menos homens” em função da infertilidade (VIEIRA, 2008). O desejo de se tornar mãe e seu efeito estruturante insistem, mesmo diante do percalço que a parentalidade pode representar para a vida moderna. Ceccareli (2007) ressalta o lugar ocupado pela instituição familiar no psiquismo do indivíduo. O autor considera que a noção de família, formada por verdades embasadas nos saberes disponíveis acerca da instituição, sustenta uma posição libidinal que remete aos investimentos pulsionais realizados pelos indivíduos. Nesse sentido, o autor afirma:

Somos de tal forma impregnados pelas associações sintagmáticas que utilizamos para decompor o mundo e, em seguida, recompô-lo que, muitas vezes, o novo é sentido como uma ameaça, pois nos obriga a reavaliar as

3 Lacan compreende os discursos como modalidades do laço social, sendo possível distinguir quatro estruturas: o discurso do mestre, o discurso do universitário, o discurso da histérica e o discurso do analista. O discurso do capitalista, por sua vez, seria uma variação do discurso do mestre. Na lógica desse laço social, não haveria possibilidade para o reconhecimento da falta, o que leva Lacan a classificá-lo como um pseudodiscurso, devido a sua natureza perversa de anulação do sujeito, que só pode emergir em confronto com a falha.

representações que confortavam nossas angústias. É com dificuldade que abrimos mão de valores e teorias que nos têm sido tão caras para ler o real. (CECCARELI, 2007, p. 90)

Nesse contexto, a família transforma-se em apenas mais uma mercadoria e é vendida como tal em peças publicitárias cujo teor é, marcadamente, narcísico e de busca de sensações – reforçando a lógica do consumo contemporâneo. Observa-se que tanto a comunicação, quanto a própria medicina, têm um papel fundamental na consolidação da lógica do discurso capitalista e que as implicações éticas da adesão a esse discurso devem ser analisadas. Espera-se, dessa maneira, contribuir para uma compreensão do lugar ocupado pelo conhecimento e pela informação, atualmente, quanto a constituição de famílias e a infertilidade.

2 DESENVOLVIMENTO

O desejo em ter filhos foi analisado por Freud, em suas pacientes, como um apaziguador do conflito edipiano. Esse conflito é desencadeado pela percepção de si como castrada, que faz com que o temor da castração perca sua *raison d'être*. Desse modo, a constatação da diferença anatômica entre os sexos faz surgir, na menina, não uma angústia ou temor da castração, e sim a inveja do pênis (*penisneid*), que a introduziria ao conflito edipiano. Sua dissolução, segundo o autor, envolveria uma em três possibilidades: a neurose, o complexo de masculinidade ou a saída pela feminilidade. Essa saída pela feminilidade envolveria a substituição da inveja do pênis pelo desejo de ter um filho. Tendo sido essa conclusão comunicada a Freud pelas suas pacientes, observa-se que, na visão da própria mulher, ela é dotada de um instinto materno do qual não pode fugir e que fundamenta e estrutura a própria identidade. Essa visão de si mesma persiste até hoje:

A maioria das mulheres tem o sonho da maternidade, isso já nasce com a gente. A partir do momento que quando crianças a gente brinca com nossas bonecas, essas bonecas são nossos filhos, então a gente cresce com a ideia que um dia nos tornaremos mãe. Usaria [óvulos doados] porque junto com o sonho de ser mãe vem o sonho de gerar uma criança, ver a barriga crescer, sei lá (VIEIRA, 2008, p. 110).

É evidente o caráter narcísico do projeto de ter filhos: eles representam uma continuidade, a possibilidade de transcender a morte, ainda que apenas através de cargas genéticas. Observa-se, também, que a construção do filho imaginário está ancorada no real do corpo – este universo de sensações, do gozo. Essa vivência no real do corpo fornece as bases para as fantasias e projeções que cercam a parentalidade de modo que a vivência da gestação,

para a mulher, garante um vínculo biológico que remete à troca de fluidos corporais, tornando facultativo o compartilhamento do material genético para a construção do binômio mãe e filho: “ 'Sinceramente acho que doação de óvulos é mais fácil, pois, apesar da criança não carregar a herança genética da grávida, há um vínculo muito grande ao ser gestada, 'amamentada' ” (VIEIRA, 2008, p.111). A impossibilidade de gestar, portanto, desconstrói a identidade da mulher como *devir mãe*, apontando para uma falha na sua estrutura existencial, pois o impedimento de gestar um filho torna irresoluto o conflito que decorre do desejo edipiano de encarnar o falo.

Segundo as elaborações lacanianas, não se pode postular uma correspondência feminino-fêmea e masculino-macho, ainda que haja um dispositivo cultural- pedagógico que perpassa a mídia, o marketing e outros meios de comunicação, que pressiona o indivíduo a se conformar à expectativa hetero e cisnormativa. A mídia, ao estabelecer uma linguagem própria na veiculação de seus produtos comunicativos e informacionais, atua “não só como veiculadora, mas também como produtora de saberes e formas especializadas de comunicar e de produzir sujeitos, assumindo nesse sentido uma função nitidamente pedagógica.” (FISCHER, 1997, p 61). O jogo de poder colocado em movimento pela mídia interpela “os diferentes grupos e sujeitos” [IDEM, IBDEM]. Coloca em circulação “uma série de universais a respeito da mulher, sobre maternidade, relação com o homem, educação dos filhos, adolescência feminina, vida doméstica, sexualidade, afetividade, trabalho, aptidão física, cuidado com o corpo, idade, desejo”, que interessam a determinada configuração social (FISCHER 2001, p 591). Os discursos midiáticos nos ensinam, reforçam e sublimam a maternidade como o auge da maturidade e realização do ser mulher. Ao mesmo tempo, sutilmente, o discurso midiático classifica, com respaldo e associação às vezes explícito do saber médico, como anormal as mulheres que não conseguem ou não querem “padecer no paraíso”. As estratégias midiáticas para falar sobre quem somos e o que não deveríamos ser “não se separam de um processo de ‘enunciação da cultura’. Ou seja, [...são] discursos construídos conflituosa e dinamicamente no interior de relações muito concretas de poder, sobre os vários tipos de diferenças sociais e culturais.” (FISCHER, 2001, p.590)

Com a compreensão de que os gêneros são construções sociais, não se pode atribuir ao sujeito o desejo de ser mãe apenas em função de sua anatomia ou de um desejo inato, visto que os meandros do desejo e da sexuação são mais complexos. O que se pode afirmar é que o desejo de ter filhos, como todo outro, surge em suplência ao desejo de ter ou de ser o falo, em decorrência de uma conjuntura cultural que pressiona o sujeito a buscar, por essas vias, a satisfação pulsional – a depender do posicionamento que o sujeito toma diante da castração

simbólica. Sendo esse o posicionamento psicanalítico diante da diferença dos sexos (ou dos gêneros) ressalta-se que o desejo de maternidade, como qualquer outro, não se sustenta apenas no nível da fantasia, no qual operam os comerciais e que encontra suporte nos discursos midiático e científico. É necessário que se defronte o Outro⁴ e sua demanda, posicionando-se diante dele através da inscrição não toda na lei fálica⁵. Para a comunicação, isso implica em dar visibilidade às polifonias e às diferentes experiências de matinar, possibilitando o contato não apenas com a realidade do cotidiano de mães, mas, também, com o fato fundamental de que o projeto de maternidade das fantasias edípicas - facilmente observadas em campanhas dos dias das mães - não se concretiza.

Em “Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna” (1908), Freud questiona comportamentos femininos naturalizados, como a frigidez, atribuindo suas causas à repressão e à moral sexual vigente socialmente. Dessa maneira, o autor contrapõe representações sociais construídas historicamente acerca da feminilidade e as revela como meio de controle social, demonstrando como desejos e como a própria relação com o corpo são formados anacliticamente, em referência profunda e constante à cultura. É possível extrapolar e compreender que a maternidade não é um instinto nato à mulher, como já demonstraram estudos feministas, entre os quais se destaca o de Badinter (1985). A autora realizou um extenso estudo histórico demonstrando que o “instinto materno”, na verdade, seria uma construção social e que essa noção se impôs à constituição da identidade feminina transgeracionalmente. Segundo Scavone (2001), a noção de maternidade foi uma das grandes mudanças que moldou o lugar social da mulher no século XVIII, juntamente com o amor romântico e a intimidade do lar.

A romantização da maternidade, muito combatida pelas feministas da segunda onda, ainda se faz presente na cultura moderna, como se pode observar. Há a construção de um ideário acerca da maternidade que conta com diversos dispositivos a fim de justificá-lo: desde o discurso médico que, por meio de metáforas para descrever o corpo feminino, coloca a reprodução como sua finalidade última, até material publicitário, como as famosas

4 O Outro, na obra lacaniana, difere-se do outro por possuir, necessariamente, uma dimensão alteritária. O Outro é o lugar de onde partem as possibilidades de representação do sujeito e é, por definição, barrado pela impossibilidade de se completar essa representação, em função do Real. Pode ser compreendido em aproximação com o uso freudiano do conceito de Inconsciente.

5 Lacan descreve as fórmulas de sexuação do indivíduo em função da maneira como lida com a castração. Em uma posição masculina, o objeto de desejo surge em suplência ao desejo de ter o falo, consequência do temor de castração. A posição feminina, por sua vez, não se inscreve completamente nessa lógica fálica, pois o temor da castração não se completa, uma vez que a menina, no Complexo de Édipo, já se percebe como castrada. Dessa maneira, o objeto de desejo surge em suplência do desejo de encarnar o falo, de ser ela própria esse objeto que proporciona a completude.

propagandas de margarina, que apresentam um modelo de família ideal – a saber: heteronormativo e branco, de classe média. Dessa maneira, observa-se que a crise instaurada pela infertilidade é sintoma de uma questão muito mais ampla e que perpassa toda a cultura: a centralidade da maternidade no controle dos corpos e das mentes das mulheres.

A naturalização e exaltação do constructo mulher-mãe isentaram o homem das responsabilidades de criar os filhos e esse modelo de feminilidade se resumia à função materna – cujo desempenho exige a anulação pessoal e o “sacrifício prazeroso” (ENUMO, 2002). A noção de que a família nuclear tradicional é um espaço privilegiado para a criação dos filhos e, nesse sentido, de realização pessoal, pressiona a mulher a exercer uma maternidade e uma heterossexualidade que nem sempre são questionadas ou desejadas. Segundo Mattar e Diniz (2012), a maternidade tem sido uma identidade forçada às mulheres já que, com frequência, elas não têm controle sobre seus corpos. Nesse contexto, as comunicações, compreendidas como processos mais amplos e incluindo a comunicação científica, exercem função estrutural de manter o lugar social da mulher, transmitindo-o transgeracionalmente como um saber sobre o ser mulher no mundo e legitimando esse saber.

Apesar do alto custo social imposto à mulher, observa-se que a maternidade conserva seu apelo. A formação de uma família e o desejo em ter filhos envolvem motivações conscientes e inconscientes, existem motivações que não estão no plano da idiosincrasia, e sim da norma social estabelecida - e elas não podem ser ignoradas. Freud sempre deixou clara a indissociabilidade entre indivíduo e cultura e, na questão das Tecnologias Reprodutivas, é necessário tocar nesses dois pontos, à medida que eles mesmos se tocam. A análise descontextualizada do complexo de Édipo como fundador do desejo de maternidade pode conduzir a um entendimento essencialista dos papéis de gênero inconsistente com a própria teoria psicanalítica acerca da sexuação, de modo que a corrompe e a coloca a serviço da manutenção de uma ordem social que tem por objetivo a conformação do indivíduo, e não sua emancipação.

As políticas públicas que visaram incitar o crescimento das famílias, divulgando um modelo familiar ideal e incentivando a adesão a ele, produziram, de acordo com Costa (1979), uma norma familiar - que está localizada no nível das práticas e do discurso, que remetem aos saberes disponíveis. É necessário lembrar que os estudos psicanalíticos conduzem à conclusão de que, tanto a prática quanto o discurso não são integralmente conscientes. O inconsciente manifesta-se por meio de sintomas e, “Na medida em que o sujeito se utiliza da língua, diz mais do que quer e, ao mesmo tempo, diz sempre outra coisa” (MILLER, 1994, p.33). Assim sendo, o discurso e as práticas que sustentam a norma familiar baseiam-se, em larga medida,

no inconsciente e o deixam escapar, como reminiscências.

A íntima relação entre psiquismo e cultura se faz flagrante, exibindo um complexo mecanismo, por meio do qual o indivíduo perpetua o tecido social à medida que a própria conservação dessa trama lhe garante bem-estar psicológico. A normalização e a normatização⁶ da parentalidade, nesse sentido, se traduzem em um desejo de ter filhos e de ter uma família dentro de um modelo constricto, difundido culturalmente. As tecnologias reprodutivas inserem novos dilemas na instituição familiar, questões ligadas diretamente à cultura contemporânea, marcada pelo narcisismo e pelo consumismo.

A medicina reprodutiva apresenta uma possibilidade subversiva ao viabilizar a concretização do desejo de reproduzir de maneira alheia às normas sociais – possibilidade que levantou uma série de debates, especialmente na década de 90, acerca de quem teria direito ao acesso a essas tecnologias. As tentativas de regulamentação que se sucederam endossavam, frequentemente, o modelo culturalmente idealizado de família heterossexual e reforçavam a estratificação social do direito reprodutivo. Nesse sentido, sob o pretexto de se garantir o bem-estar da criança-por-vir, buscou-se impedir que minorias tivessem acesso às tecnologias reprodutivas. Esse posicionamento reflete uma ilusão de que o modelo culturalmente idealizado de família seja garantia de membros saudáveis e produtivos - basta lembrar que Freud descobriu as doenças nervosas modernas justamente nesse contexto familiar.

Lasch (1986) argumenta que o avanço tecnológico, que marca a modernidade, tem por característica a manutenção do controle político, econômico e cultural da elite. Em vez de se colocar a favor da população como meio de busca por autonomia, a tecnologia tem servido como instrumento de controle social. A maternidade, historicamente, também comparece como mecanismo de controle da mulher e do seu corpo. Ao se impor à mulher que ela reproduza e se dedique integralmente à criação dos filhos, impede-se, por meio de vários mecanismos sociais, que ela tenha acesso a oportunidades em outros âmbitos. Nesse sentido, é necessário compreender que a medicina reprodutiva tem o poder de perpetuar esses mecanismos de controle social e do corpo feminino.

Santos (1988) chama a atenção para o sequestro das ciências pelo capitalismo, subordinando-as à finalidade exclusiva de produzir tecnologias e produtos. O autor aponta que, nessa lógica, a ciência se torna tributária dos interesses capitalistas e abandona seu

6 É certo que há uma normalização da parentalidade, sustentada por uma série de dispositivos culturais que visam tornar homens e mulheres em pais e mães. É notável, também, que há uma normatização desses padrões: uma série de requisitos a serem preenchidos para que a família em formação se enquadre nos padrões considerados desejáveis. Vieira (2008) cita a configuração conjugal da família, os laços consanguíneos com ambos os pais e o elemento heterossexista da parentalidade.

compromisso social. A ciência moderna atende à demanda da lógica narcísica, por meio da oferta de um consolo: a ilusão de que, um dia, haverá solução para todas as mazelas humanas – basta que se continue a investir no desenvolvimento de tecnologias. A ciência desponta, então, como um Outro do Outro, capaz de compensar o indivíduo pelas injustiças impostas pela condição humana. A promessa feita pela ciência moderna se equipara àquela feita pela religião ao se propor a responder questões fundamentais da existência: de onde viemos, porque somos como somos, porque adoecemos e etc. Essa tentativa é, desde o início, fracassada, pois é impossível apreender ou simbolizar a essência do humano, já que o Outro é sempre barrado. O fato de o projeto científico ignorar que existem questões diante das quais o seu método perde sua eficácia endossa a lógica do discurso capitalista. A ciência, na contemporaneidade, portanto, ocupa o lugar de Deus, sendo onipresente, onipotente e onisciente.

A medicina, ao reduzir o corpo à sua concretude, esvazia o corpo de qualquer humanidade e sentido - trata-se, realmente, de um objeto e, como tal, sem subjetividade. Esquece-se de que essa redução é impraticável, pois não há relação não mediada com o corpo. Sendo assim, o que se pratica é uma ciência perversa que, em sua busca pelo gozo, nega a incidência simbólica sobre o sujeito, ignora, portanto, as consequências psíquicas da entrada no universo da linguagem. Como as vias de gozo são determinadas simbolicamente, a medicina cai em um contrassenso: se a busca é pelo gozo, a via simbólica se impõe – instituindo, junto consigo, a falta, o limite. “Assim, passam a apostar nas promessas da medicina e das novas tecnologias para descobrir que estas também são falhas e que não há garantias. Sem garantias não há controle” (VIEIRA, 2008, p.89).

A medicina comparece como a primeira opção na busca de uma cura do corpo, na esperança de que, desse modo, a ferida psíquica também seja tratada. O que se busca, na verdade, é, por meio da intervenção no organismo, apagar o significante⁷ da infertilidade, causador de tanto sofrimento; e a medicina falha em cumprir essa missão, uma vez que suas técnicas não promovem – a nível biológico – a cura da infertilidade, mas apenas buscam aumentar a probabilidade de uma gravidez. Assim, ao final do tratamento, ainda que se tenha atingido o objetivo de engravidar, a tendência é que se permaneça infértil. Subjacente à esperança de anulação do significante, está a lógica da vida na modernidade, que não é de

7 A linguagem, para Lacan, seria uma das vertentes do registro simbólico. O autor utiliza-se de conceitos saussurianos a fim de compreender a maneira que o inconsciente se estrutura e estabelece a primazia do significante, um sem-sentido que abre um sulco para a atribuição de significados pelo sujeito. Contudo, a linguagem sempre esbarra no limite de não poder dizer tudo, por isso, para Lacan, a pulsão é efeito da palavra, pois remete ao impossível.

submissão à natureza, mas de transformação das condições de existência. A medicina, então, configura-se como um meio possível para a conformação do corpo às demandas do eu – em outras palavras, às expectativas narcísicas decorrentes da relação simbiótica com a mãe na primeira infância, quando a falta ainda não se impôs.

As tecnologias reprodutivas se defrontam com um sério conflito ao ingressar na lógica do capital, pois, além de não proverem a mercadoria demandada – a saber: o apagamento da marca psíquica impetrada pela infertilidade - em última instância, elas comercializam crianças e mercantilizam o desejo de ser pai e mãe. Elas mantêm, dessa maneira, o engodo de que o consumo é a via para a completude e o romantismo acerca dos rígidos moldes burgueses da instituição familiar, sustentando-se dessas ilusões. A circulação do conhecimento adquirido pela ciência acerca das técnicas desenvolvidas pela medicina também corrobora com a lógica imaginarizada da cultura moderna acerca da família e da maternidade. Para a medicina, não basta atender o desejo de ser mãe, mas entregar o melhor “produto” idealizado pelos pais e pela cultura dominante pautada na competitividade, como se pode observar em uma das capas da revista Super Interessante, edição de fevereiro de 2012. Nela se vê estampada a foto de um bebê branco, olhos verdes e com a chamada “Como fazer um superbebê”. A foto é acompanhada da seguinte chamada: “Eles serão projetados por cientistas, terão imunidade contra doenças e a aparência que os pais escolherem. Conheça os bebês de Laboratório – porque um dia você vai ter um. E eles já começaram a nascer” (SUPER INTERESSANTE, 2018)

A ciência promete, por meio de material publicitário e com apoio das mídias tradicionais, transpor os limites do corpo, que se tornaria obsoleto e cuja falibilidade causaria repulsa (FISCHER, 1997; 2001), subvertendo a sua materialidade e enfatizando o aspecto informacional da carga genética. Dessa maneira, a responsabilidade pelas diferenças de performance entre indivíduos deixa de ser creditada a um sistema social que produz desigualdades e passa ao domínio da genética. Ao lançar um olhar para a foto da capa, compreende-se a assertiva que, no contexto que se delineia, “o DNA não é só um conjunto de moléculas, mas um poderoso conjunto de representações culturais” (RAMÍREZ-GÁLVEZ, 2009, 90) – cultura essa que prioriza determinadas características que podem ser selecionados via catálogos comerciais, ou seja, “As crenças no determinismo genético impulsionam a notável expansão da indústria da tecnologia reprodutiva.” (RAMÍREZ-GÁLVEZ, 2009, p. 90).

Ao negar a falta como fundadora da humanidade, se parte o sujeito e se origina uma miríade de incompreensões advinda da rejeição ao que se impõe: a interdição. A somatização

comparece como sintoma do tamponamento sistemático da falta com estilos de vida, produtos, tecnologias, medicamentos, etc. Nesse sentido, se “produz novos remédios para novos males; ou ela produz os ‘males’, pseudos novos males, para que sejam tratados por medicamentos que ela fabrica” (QUINET, 2012, p. 22). Ao patologizar e, portanto, medicalizar o sofrimento, a ciência, por meio de suas práticas e alardeadas pelos meios de comunicação, serve aos interesses do mercado em oposição aos interesses do sujeito, vez que o aliena de sua própria essência e daquilo que o torna sujeito⁸ – a saber: o inconsciente e sua responsabilidade sobre ele. Assim, o indivíduo contemporâneo é cada vez mais assujeitado por um pseudodiscurso segregador.

A imaginarização do filho e da própria maternidade não se sustenta apenas pela experiência na concretude do corpo, é necessário que o Outro, a dimensão simbólica, compareça e dê sentido às fantasias, às construções imaginárias. Como não poderia deixar de ser, o desejo apenas se constitui em relação com a alteridade, com o confronto e reconhecimento da incompletude. A fim de compreender os processos envolvidos na dificuldade de ter filhos, o corpo infértil deve ser abordado como um corpo sintomático, ou seja, o corpo fala a respeito do desejo do sujeito. Casos em que mulheres engravidam miraculosa e naturalmente, meses após interromperem o *tratamento*, não são exceção e causam embaraço à medicina, que insiste em reduzir o corpo ao orgânico e, desse modo, reduz sua capacidade, não só de intervenção, como de compreensão do conflito que se manifesta como infertilidade.

A proposta da psicanálise não deve ser vista como um impedimento para que se cumpra o desejo de ter filhos, pelo contrário, é esse desejo – constituído na articulação dos três registros fundamentais – que ela visa ao insistir na promoção da escuta do sintoma. Essa postura requer uma resistência à demanda mercadológica de se atender, imediatamente, aos impulsos narcísicos do outro e, ao mesmo tempo, reflete um compromisso ético com o sujeito. Isso porque o desejo de filho pode vir a ser um produto de diversas operações fantasmáticas, confundindo-se, por exemplo, com o desejo de maternidade, com o desejo de simplesmente estar grávida, com o desejo de parir, com o desejo de colocar no mundo uma criança, ou, ainda, com o desejo de produzir o filho do amor edipiano. Foram adicionadas, a estas formulações clássicas, o desejo de fazer um pai e, também, o desejo de se fazer mulher (LANIUS; SOUZA, 2010).

8 O sujeito da psicanálise não corresponde ao indivíduo, pois, para haver sujeito, é indispensável o encontro com a falta e com a ética. Tampouco se trata do sujeito da consciência e da racionalidade, que são sempre incompletas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante ressaltar que esta lógica não é inerente à medicina, do mesmo modo que não é inerente à cultura. Ao contrário, trata-se de uma produção histórica e cotidiana, transmitida e transformada por gerações. Nesse sentido, não se trata da única forma de se produzir conhecimento sobre o corpo ou de tratá-lo; pelo contrário, existem relatos de atuações que questionam esta lógica estabelecendo, inclusive, novos parâmetros de sucesso.

durante uma reunião com a equipe que atende no Setor de Reprodução Humana do Instituto de Ginecologia da UFRJ,[...] a médica-chefe fez aos estudantes a seguinte pergunta: o que nos propusemos a realizar aqui; qual é o objetivo desse setor?”. As respostas foram, e podem ser muitas: “contornar ou curar a infertilidade, ajudar mulheres ou casais a engravidarem, obter gravidezes, ou, ainda, ajudar homens, mulheres e/ou casais a terem filhos. Detendo-se nessa última resposta, a médica lançou uma nova questão: se o nosso objetivo pode ser assim definido – ajudar casais a terem filhos –, podemos, então, considerar que, quando uma gravidez não sobrevém ao tratamento médico, mas, por outro lado, o tratamento ajuda o casal a optar pela adoção de uma criança, podemos falar em êxito do tratamento?”. Observemos que, tendo escolhido a última resposta como a mais adequada à primeira questão colocada, e colocado a resposta afirmativa à segunda questão como uma consequência lógica de sua escolha, a médica não pôde senão julgar que a abertura de um casal para a possibilidade de adoção – que muitas vezes só surge após o tratamento evidenciar os impedimentos à obtenção de gravidez – aponta, sim, para o êxito do tratamento (PERELSON, 2013).

Observa-se que, sendo o desejo da ordem simbólica, o que importa é o significante que se inscreve na história do sujeito, que se elabore a castração e que o sujeito busque sua própria via para sustentá-la e suportá-la. Tal constatação provoca um giro na lógica científico-capitalista, ao restituir o Outro de seu lugar de origem do desejo, reconhecer que a fantasia imaginária não passa de miragem projetada pelo eu – e, como tal, não se concretiza – e assumir o impedimento ao gozo enquanto instaurador da humanidade. Da mesma maneira, é necessário incluir uma função de resistência à comunicação, fugindo ao papel meramente publicitário e resgatando sua responsabilidade social com o sujeito.

As ciências sempre carregaram consigo uma possibilidade revolucionária, no sentido que Lacan utilizou em seu seminário “*Mais, Ainda*”, pois o conhecimento científico tem sempre a potencialidade de provocar uma subversão do significante. As Tecnologias Reprodutivas carregam em si um potente germen com capacidade de ressignificar a família, de modo que esteja mais atrelada às funções simbólicas essenciais para a formação da criança do que às fantasias e projeções imaginárias. Da mesma forma elas podem servir para a emancipação e empoderamento da mulher sobre o próprio corpo. Para tanto, é necessário que

se tome consciência de que as pretensas objetividade e neutralidade das ciências, inclusive das ciências da comunicação, são, na verdade, um engodo. A ciência – e as Tecnologias Reprodutivas como consequência – assumem uma posição política independentemente de deliberação. É dever ético dos profissionais, destarte, tomar consciência da lógica que reproduzem e da desumanização que praticam em nome de uma cientificidade ou de apelo mercadológico.

A mudança na postura científica pode gerar a produção de um conhecimento verdadeiramente ético e promotor da alteridade, compreendendo o homem em suas reais questões e conflitos, em contraste com as demandas de uma lógica sedenta por novidades que acabam por assujeitá-lo. Para tanto, é necessária uma mudança de paradigma. É imperativo que se reconheça o engodo das divisões do conhecimento em caixas isoladas e independentes entre si. No contexto das Tecnologias Reprodutivas, é necessário que se compreenda que o corpo não é apenas uma máquina. O corpo é um sintoma e, como tal, nos fala sobre o desejo do sujeito.

A psicanálise se constitui como um saber limite, uma vez que não se enquadra em nenhum campo de conhecimento, mas, ao mesmo tempo, realiza contribuições e provocações pertinentes a vários deles. Sua principal contribuição, no entanto, deve ser a insistência no caráter necessário da castração - cuja importância se deve ao fato de questionar a lógica da ciência moderna e contemporânea. Desse modo, se insere, para o campo do conhecimento, uma dimensão alteritária e de sustentação da angústia. Isto quer dizer que a psicanálise “é essencialmente o que reintroduz na consideração científica o Nome-do-Pai” (LACAN, 1998, p. 889). Como consequência, há a humanização do processo de produção de conhecimento. Ao haver, no seio científico, o acolhimento daquilo que necessariamente constitui o humano – a falta -, promove-se um novo paradigma de intervenção, comprometido verdadeiramente com o sujeito, vez que compreende sua complexidade e suas nuances tendo consciência de que, ao isolá-las, mutila-se o homem para além de qualquer possibilidade de reconhecimento.

REFERÊNCIA

BADINTER, E. *Um amor conquistado*: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CECCARELLI, P. R. Novas configurações familiares: mitos e verdades. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 40, n. 42, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352007000100007. Acesso em: jul. 2018.

COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar**. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FISCHER, R. M. B. Mídia e educação da mulher: uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na TV. **Estudos Feministas**, ano 9, n. 586, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8642>. Acesso em: jul. 2018.

FISCHER, R. M. B. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 2, 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71363>. Acesso em: jul. 2018.

FREUD, S. O Mal- Estar na Civilização (1930). In: FREUD, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XXI.

FREUD, S. Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna (1908). In: FREUD, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. IX.

LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. **O Seminário, livro 20**: mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LANIUS, M.; SOUZA, E. L. A. Repro dução assistida: os impasses do desejo. **Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental**, v. 13, n. 1, p. 53-70, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142010000100004&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1415-47142010000100004. Acesso em: jul. 2018.

MATTAR, L. D.; DINIZ, C. S. G. Hierarquias reprodutivas: maternidade e desigualdades no exercício de direitos humanos pelas mulheres. **Interface: Comunicação Saúde Educação**, v. 16, n. 40, p. 107-119, 2012.

MILLER, J. **Percurso de Lacan**: uma introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

PERELSON, S. Psicanálise e medicina reprodutiva: possíveis colaborações e indesejáveis armadilhas. **Psicologia USP**, v. 24, n. 2, 241-262, 2013.

QUINET, A. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

RAMÍREZ-GALVEZ, Martha. Corpos fragmentados e domesticados na reprodução humana assistida. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 33, p. 83-115, jul./dez. 2009.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teórico e metodológico da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

SUPER INTERESSANTE. São Paulo: Abril, n. 301, fev. 2018.

VIEIRA, F. B. **As Tecnologias de reprodução**: Discursos sobre a maternidade e paternidade no campo da reprodução assistida no Brasil. 2008. Tese (Doutorado em Sociologia)–Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.